



CMC

Conjuntura e Mercados
Consultoria

2019

**BOLETIM DE
CONJUNTURA
ECONÔMICA**



**1º TRIMESTRE
JANEIRO - MARÇO**

Apresentação 3

Editorial 4

Macroeconomia 5

Setorial 8

Regional 10

Valuation 12



Apresentação



O **Boletim de Conjuntura Econômica** é uma publicação da Conjuntura e Mercados Consultoria (CMC) que apresenta uma análise conjuntural do último trimestre nas áreas de Macroeconomia, Setorial, Regional e Valuation. Sob diferentes enfoques, o material traz uma análise diferenciada do atual quadro econômico do país, utilizando-se de dados coletados ao longo do último trimestre.

Busca-se oferecer à sociedade elementos que contribuam para um maior entendimento do quadro conjuntural da economia, a partir de uma linguagem simples e acessível a qualquer cidadão. Desse modo, o principal objetivo do **Boletim de Conjuntura Econômica** é trazer um panorama completo da economia brasileira, a fim de contribuir para o conhecimento público.

O **Boletim de Conjuntura Econômica** pertence ao projeto de extensão Conjuntura e Mercados Consultoria (CMC) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A reprodução do conteúdo publicado neste informativo é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte **Boletim de Conjuntura Econômica CMC** e a devida data de publicação.

Expediente

**Boletim de Conjuntura Econômica
Conjuntura e Mercados Consultoria**
Ano IX | Número 14 | Janeiro - Março | Julho de 2019

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Reitor

Prof. Dr. Marcus Vinícius David

Vice Reitora

Profa. Dra. Girlene Alves da Silva

Pró-Reitora de Extensão

Profa. Dra. Ana Livia de Souza Coimbra

Faculdade de Economia (UFJF)

Diretor

Prof. Cláudio Roberto Fóffano Vasconcelos

Chefe de Departamento

Prof. Alexandre Zanini

Conjuntura e Mercados Consultoria – CMC

Orientadora Geral

Fernanda Finotti Cordeiro Perobelli

Professores Orientadores

Fernanda Finotti Cordeiro Perobelli

Weslem Rodrigues Faria

Boletim Macroeconomia

André Sobrinho

Leonan Ferreira

Vinícius Viegas

Iven Batista

Boletim Setorial

Iris Barquette

Kamilla Menezes Avelar

Natália Haubrich

Paulo Roberto Betbeder Gonçalves

Rodrigo Souza

Boletim Regional

Almir Oliveira

Gustavo Luz

Leandro Venâncio Pereira

Rhawan Neves

Izak Carlos Silva

Boletim Valuation

Bruno Perry Barbosa

Alexandre Ribeiro

Mario Lopes

Edição/Diagramação/Comunicação

Ariel Romualdo Pereira

Processos

Conjuntura e Mercados Consultoria

Proc. 23071.007553/2015-40

Economia nas Escolas

Proc. 23071.007554/2015-94

Grupo de Conjuntura Econômica

Proc. 23071.007557/2015-28

Endereço para correspondência:

Faculdade de Economia – Conjuntura e Mercados

Consultoria (CMC)

Rua João Lourenço Kelmer, s/n, Campus Universitário,
Bairro São Pedro, Juiz de Fora – MG. BRASIL. CEP
36036330

Telefone: (32) 2102-3552 / (32) 98487-4645

Email: cmc.ufjf@gmail.com

Blog: <https://cmcufjfblog.wordpress.com/>

Foto da Capa:

Caique Cahon (Diretoria de Imagem Institucional/
UFJF)

Educação Financeira no Brasil, de onde viemos e para onde vamos?

*Por Thiago Godoy Nascimento
Gestor da Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil)*

Dinheiro é o maior tabu entre todos os tabus. Em uma recente pesquisa publicada pela Wells Fargo, falar de dinheiro ficou no topo da lista dos tabus da sociedade, seguido da morte com 38%, da política (35%) e da religião (32%). Sim, para nós é mais difícil falar de dinheiro do que de morte e as consequências disso são conhecidas pois o endividamento dos brasileiros nunca foi tão assustador. Dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) apontam que o percentual das famílias que afirmaram possuir dívidas chegou a 62,7% em abril de 2019 e segundo a Serasa, o número de consumidores inadimplentes no Brasil chegou a 63 milhões em março de 2019, registrando recorde desde 2016, quando teve início a série histórica. Dados como estes reforçam a importância do desenvolvimento da educação financeira em nosso país. Precisamos ensinar o brasileiro a se relacionar melhor com as suas finanças, a ser mais apto a tomar melhores decisões financeiras, a planejar e a conquistar seus objetivos.

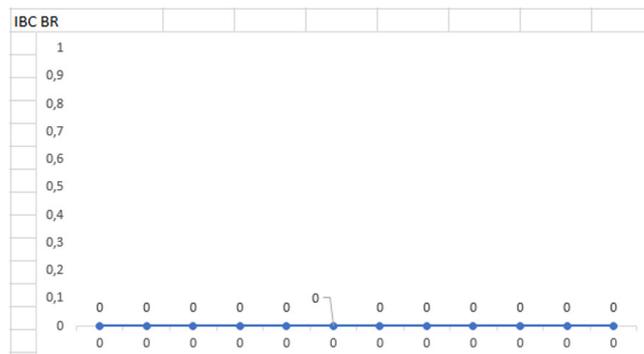
A boa notícia é que esforços estão sendo feitos para que isso aconteça. Desde 2010, o Brasil é um dos 60 países do mundo que possui uma Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF. No caso brasileiro a ENEF foi instituída como uma mobilização multissetorial em torno da promoção de ações de educação financeira no País e, como Política de Estado de caráter permanente (Decreto nº 7.397/2010) suas características principais são a garantia de gratuidade das iniciativas que desenvolve ou apoia e sua imparcialidade comercial. Mais ainda, nosso país é elogiado em todo o mundo e endossado pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) pois foi hábil em reunir, em um só Comitê, importantes representantes do setor público como o Banco Central e o Ministério da Educação e grandes instituições privadas, como a Federação Brasileira dos Bancos (FEBRABAN), a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) e outros. Isso significa o comprometimento formal destes atores para que nosso país se torne uma nação financeiramente educada.

Apesar dos altos índices de endividamento atual, as iniciativas de educação financeira nas escolas estão a pleno vapor. Segundo levantamento coordenado pela Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil), organização responsável por desenvolver os projetos da ENEF, as iniciativas de educação financeira aumentaram 72% em cinco anos. Ao todo, foram identificados mais de 1.300 projetos sobre o tema, quase metade apenas em instituições de ensino. A AEF-Brasil, junto à ENEF, vem trabalhando em escolas desde 2011 e a eficiência da educação financeira foi comprovada em dois projetos pilotos feitos em parceria com o Banco Mundial, que indicou melhora na proficiência financeira e no comportamento por parte dos alunos tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Atualmente, 4 Polos Estaduais de Educação Financeira trabalham formando professores na Paraíba, em Tocantins, no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais, em parceria com a UNIFEI.

O presente e futuro da educação financeira nas escolas são promissores, o tema tem ganhado força com a inclusão da educação financeira na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo que os sistemas e as redes de ensino devem incorporar educação financeira e de consumo de forma transversal e trabalhada em diversas disciplinas. Isso significa que a abordagem da educação financeira se dá em aspectos práticos e do cotidiano dos alunos, sendo integrada tanto à matemática como às linguagens, história e geografia. As instituições ou redes de ensino têm até o início do ano letivo de 2020 para adequar os currículos e propostas pedagógicas à BNCC. Nesse sentido, o mais importante é promovermos o engajamento da comunidade escolar com o objetivo de criarmos uma rede nacional de educação financeira nas escolas. O professor precisa, antes de tudo, entender que a educação financeira é capaz de transformar a sua vida e a da sua família. Na nossa experiência em todos esses anos nas escolas, percebemos que este é o gatilho que faz o professor se engajar e se sentir motivado a ensinar o tema para seus alunos, formando cidadãos financeiramente educados.

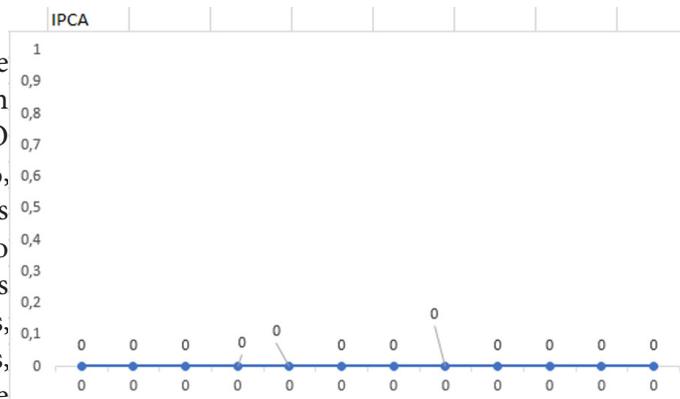
PIB – IBC-BR:

PIB é a sigla para Produto Interno Bruto, e representa a soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um determinado período. Outra taxa importante para a sociedade brasileira é o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-BR), indicador que foi criado para tentar antecipar o PIB, medindo a taxa de crescimento do período. No contexto atual, o PIB brasileiro encolheu 0,2% no primeiro trimestre de 2019, primeira queda trimestral desde 2016. Tal fato não foi uma surpresa, já que anteriormente o IBC-BR apresentou uma queda em relação aos últimos meses de 2018. Segundo o IBGE, o resultado negativo em relação ao trimestre anterior foi puxado, em grande parte, pelos recuos da indústria (-0,7%) e da agropecuária (-0,5%). Na indústria extrativa, a queda foi de 6,3%, impactada pelas paralisações na atividade de mineração após o rompimento de uma barragem da Vale em Brumadinho. Diante do fraco desempenho da economia, as projeções de economistas e do próprio governo para o PIB neste ano foram rebaixadas. No último Boletim Focus, divulgado pelo Banco Central nesta semana, analistas do mercado financeiro preveem um crescimento de 1,23% na economia. Foi o 13º corte seguido na previsão, que era de cerca de 2,5% no começo de 2019.



IPCA:

No que tange à inflação, medida pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), os números acabaram apresentando uma alta em relação ao trimestre anterior. O destaque vai para março que apresentou inflação de 0,75%, maior taxa desde junho de 2018 e maior taxa para um mês de março desde de 2015. O resultado do IPCA de março sofreu forte influência dos grupos Alimentação e bebidas (1,37%) e Transportes (1,44%). Juntos, estes dois grupos, que representam cerca de 43% das despesas das famílias, responderam por 80% do índice do mês. Nesse contexto de alta, a inflação acumulada do ano fechou em 1,51%, maior para o período desde 2016, já no acumulado de 12 meses, o IPCA teve alta de 4,58%. O resultado está dentro do limite da meta do governo, de manter a inflação em 4,25% no ano, com uma tolerância de 1,5 ponto para cima ou para baixo.



Taxa de Desocupados:

A taxa de desocupação no primeiro trimestre de 2019 ficou em 12,7% de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), atingindo cerca de 13,4 milhões de brasileiros. Quando comparado com o final do quarto trimestre de 2018 temos um desemprego cerca de 1,1% maior. Já em relação aos 12 meses anteriores é possível observar um recuo de 0,4%.

A população desempregada é caracterizada por pessoas de 14 anos ou mais que buscaram emprego e não encontram, tendo ocorrido um aumento de 10,2% nas mesmas do final de 2018 até março de 2019.

Embora a taxa de desocupação tenha aumentado no primeiro trimestre de 2019, é importante ponderá-la. Na reta final de todo ano são criados grandes números de postos de trabalho temporários para responder a alta na demanda decorrente das festividades de fim de ano, assim, espera-se que esses cargos sejam extintos no início do próximo ano, quando a demanda retorna ao seu nível normal. Portanto, visando uma análise mais precisa, observamos o mesmo período do ano anterior, livre de sazonalidades, tendo sido registrado um recuo de 0,4% na taxa de desocupação. Este resultado demonstra a lenta recuperação da economia, porém, ainda é bastante significativo.

Taxa de Desocupação



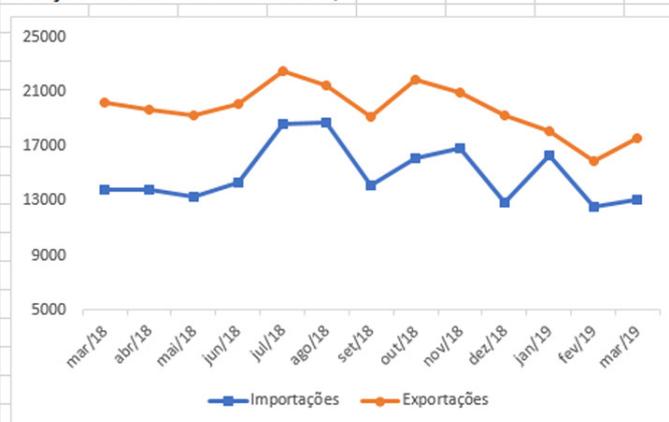
Fonte: Elaboração própria CMC - IBGE

Balança Comercial:

No primeiro trimestre de 2019 a Balança Comercial brasileira registrou queda em relação ao mesmo período do ano anterior conjuntamente a uma deterioração da exportação de produtos com valor agregado relativamente elevado. Dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) mostram que somando os saldos de janeiro, fevereiro e março a Balança Comercial apresentou superávit de U\$9,5 bilhões enquanto no mesmo período de 2018 tínhamos U\$12,2 bilhões, sendo possível observar uma queda de 22,13%.

Esta substancial queda é resultado de uma substituição no perfil de exportações, com um aumento nos produtos básicos como milho, soja e café e uma redução em produtos manufaturados e semimanufaturados, como automóveis, açúcar e celulose, sendo a crise na Argentina uma das principais potencializadoras desta substituição. Além disso, a guerra comercial entre Estados Unidos e China também afeta o Brasil que tem ambos como grandes parceiros comerciais.

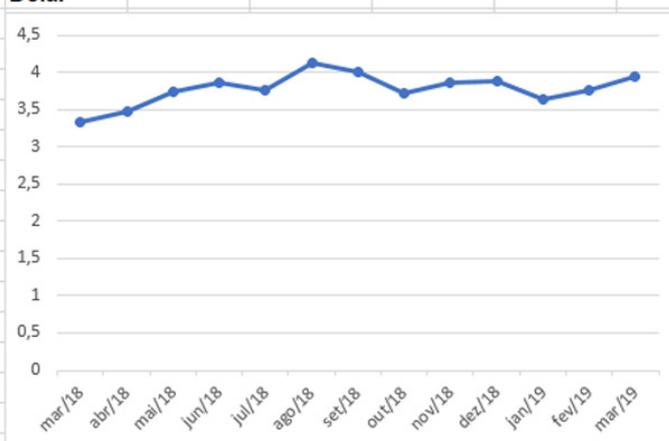
Balança Comercial - em milhões de U\$



Câmbio/Dólar:

Quando comparado ao final do trimestre anterior, o dólar valorizou em 1,29%, passando de R\$3,88 em dezembro para R\$3,93 ao final de março. Essa valorização ocorreu em função do clima de incertezas que circularam pelo país nos primeiros meses do novo governo, principalmente em razão das reformas ainda pendentes. Ao longo somente do mês de março, a moeda norte-americana obteve uma valorização de 4,32% em relação ao real brasileiro. O movimento acontece conforme investidores veem mais riscos diante da piora das expectativas para a economia e com preocupações sobre a perspectiva para a agenda de reformas. Além disso, pesam as renovadas tensões na disputa comercial entre Estados Unidos e China. A demora

Dólar

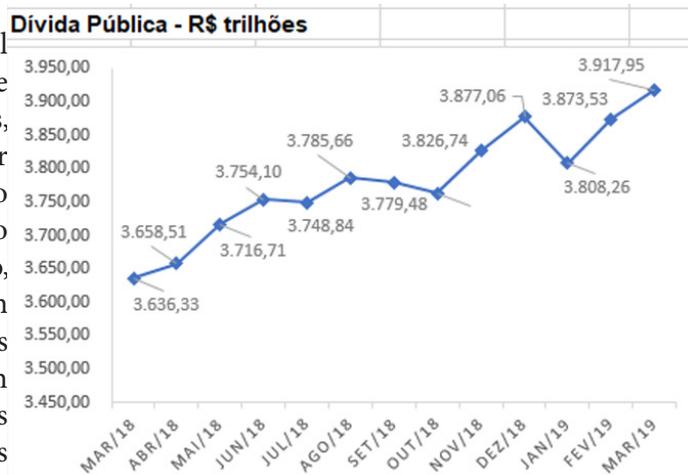


Fonte: elaboração própria CMC

na aprovação da reforma previdenciária na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), etapa mais simples do processo, e os ruídos subsequentes expuseram a falta de articulação política do governo, o que explica boa parte dessa valorização do dólar. Isso porque o mercado teme uma reforma menos potente e, por tabela, um quadro mais conturbado para as contas públicas.

Dívida Pública:

No primeiro trimestre de 2019, a dívida pública federal apresentou uma leve alta com relação ao 4º trimestre de 2018, fechando março no valor de R\$ 3,917 trilhões, tendo um aumento de 1,05% quando comparado ao valor do trimestre anterior, e elevação de 7,74% em relação ao patamar do primeiro trimestre de 2018. Como explicação para tal resultado, tem-se o aumento de gastos do governo, principalmente, gastos com o setor previdenciário. Além disso, a maior quantidade de emissão de títulos pelos investidores e apropriação positiva de juros também contribuíram para a elevação do patamar da dívida. Os fundos de investimento seguem sendo os principais detentores da dívida, fechando o período compondo 27,2% da dívida, seguido pelos fundos de previdência, que fecharam o primeiro trimestre compondo 24,1% da dívida. Os não residentes apresentaram aumento de participação, chegando ao patamar de 12,2% em março.

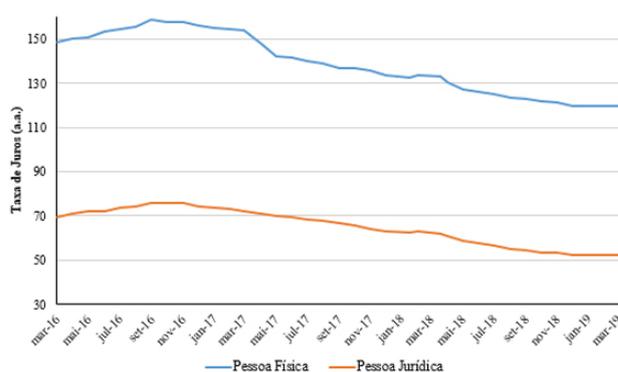


Crédito:

Na maioria dos meses, seguindo a tendência do último trimestre de 2018, a taxa de juros média geral das linhas de crédito, no primeiro trimestre de 2019, apresentou poucas oscilações. De acordo com dados da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (ANEFAC), no que tange ao crédito para pessoa física, em janeiro, houve uma redução de 0,59% no mês em relação a dezembro do ano anterior. Já em fevereiro, a redução se repetiu, uma queda de 0,59% em comparação com janeiro. Por fim, em março, houve um leve aumento na taxa, aumentando cerca de 0,15% em relação ao mês anterior. Com isso, o primeiro trimestre do ano fechou março com uma taxa de 6,72% (Gráfico 1).

Título: Evolução da Taxa de Juros Pessoa Física e Jurídica

Escala: % a.a.

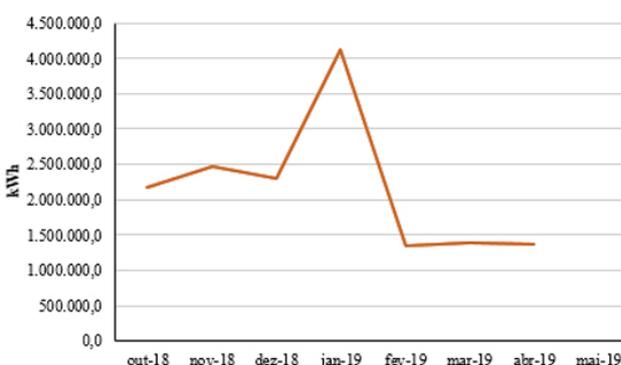


Fonte: Elaboração própria CMC - ANEFAC

Energia:

O consumo de energia elétrica no país, em março, cresceu 2,2% em relação ao mesmo período do ano passado, totalizando 40.938 gigawatts-hora (GWh) de acordo com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE). No acumulado do primeiro trimestre do ano de 2019, o consumo somou 123.490 GWh, com alta de 3,7% em relação ao mesmo período de 2018. Com o resultado negativo em março, o setor industrial acumulou uma queda de 0,7% do consumo de energia no primeiro trimestre quando comparado ao mesmo período de 2018, totalizando 41,251 GWh. Com relação ao segmento residencial, após aumento em março, o setor acumulou crescimento de 7,3% do consumo nos primeiros três meses do ano, em relação ao mesmo período do ano passado, totalizando 37.737 GWh. Na mesma comparação, o setor de comércio e serviços apresentou alta de 5,5% do consumo, somando 24.365 GWh.

Título: Consumo Mensal de Energia Elétrica - Registros de Outubro/17 a Dezembro/18



Fonte: Elaboração própria CMC - CCEE

Comércio Varejista:

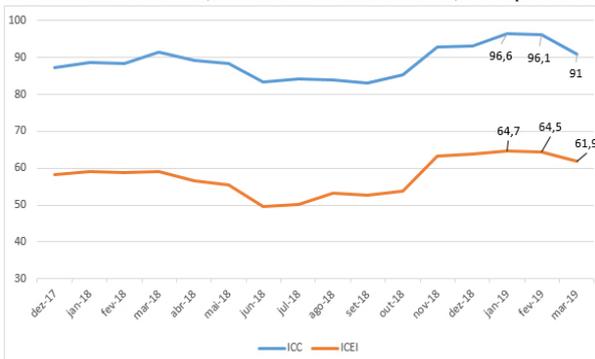
A média trimestral móvel do volume de vendas do comércio varejista, no primeiro trimestre de 2019, ficou estável. Porém, na série com ajustes sazonais, a média do comércio varejista ampliado (que engloba as atividades: veículos, motos, partes e peças de material de construção – tabela 1) fechou com elevação de 0,3%. Ainda sobre o volume do comércio varejista, na comparação de cada mês com o seu anterior, março apresentou a uma elevação também de 0,3%, no entanto na comparação de fevereiro e janeiro houve uma queda de 0,5%. As atividades que apresentaram o maior recuo de volume de vendas em março frente a fevereiro foram: livros, jornais, revistas e papelaria (-4,1%) e móveis e eletrodomésticos (-2,5%). Quanto às maiores altas, os setores do comércio se destacaram com aumento de 4,5% de veículos, motocicletas, partes e peças e 2,1% de material de construção, além dos equipamentos e materiais de escritório, informática e comunicação do comércio varejista com alta de 2,5%. Quanto à confiança do consumidor (ICC – FGV) e confiança do empresário industrial (ICEI – CNI), ambos começaram o ano em baixa e apresentaram quedas de 5,6 e 2,8 pontos, respectivamente (Gráfico 3).

Tabela 1: Volume Mensal do Comércio

Atividades	Mês/Mês anterior			Acumulado	
	JAN	FEV	MAR	NO ANO	12 MESES
Comércio varejista	0.5	0.0	0.3	0.3	1.3
1 - Combustíveis e lubrificantes	0.5	-0.4	-0.8	0.1	-3.7
2 - Hiper, supermercados, prods. alimentícios, bebidas e fumo	0.5	-0.8	-0.4	-0.9	1.9
3 - Tecidos, vest. e calçados	0.5	-0.7	-0.4	-0.3	2.2
4 - Móveis e eletrodomésticos	0.1	4.3	-2.5	0.5	-1.1
5 - Artigos farmacêuticos, med., ortop. e de perfumaria	-0.5	0.4	1.4	6.9	6.3
6 - Livros, jornais, rev. e papelaria	-1.6	-0.4	-4.1	-29.4	-21.7
7 - Equip. e mat. para escritório, informática e comunicação	9.8	1.3	2.9	3.9	0.7
8 - Outros arts. de uso pessoal e doméstico	7.4	1.2	0.7	4.0	6.1
Comércio varejista ampliado	1.0	-0.5	1.1	2.3	3.9
9 - Veículos e motos, partes e peças	6.0	-0.1	4.5	8.3	12.7
10 - Material de construção	0.5	0.2	2.1	3.5	3.5

Fonte: Elaboração própria CMC - PMC (IBGE)

Gráfico 2 - Índice de Confiança do Consumidor e Índice de Confiança dos Empresários Industriais



Escala: Pontos

Fonte: Elaboração própria CMC - ICC (IBRE/FGV) e ICEI (CNI)

Ativar o Windows

Serviços:

Em março/2019, o setor de serviços sofreu queda de 0,7% na comparação com o mês anterior na série sem sazonalidade. Sob a mesma comparação, janeiro/2019 e fevereiro/2019 apresentaram, respectivamente, variações de -0,3% e -0,4%. Na comparação com o mês igual ao ano anterior, março/2019 recuou 2,3%. Quanto ao resultado do primeiro trimestre de 2019, o mesmo encerrou com uma variação negativa de 1,7% frente ao trimestre anterior, também na série sem sazonalidade. Os serviços mais afetados, e que puxaram o resultado para baixo em março/2019 na comparação mensal, foram os agregados: serviços de informação e comunicação (-1,7%), outros serviços (-0,2%) e serviços profissionais administrativos e complementares (-0,1%). As outras duas categorias: serviços prestados às famílias e transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio apresentaram, respectivamente, variações positivas de 1,4% e 0,5%, na mesma comparação (IBGE-PMS) (Tabela 2).

Agricultura:

Considerando o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a estimativa é de crescimento de 1,6% para a safra nacional de 2019 em cereais, leguminosas e oleaginosas na comparação com a safra de 2018. Em números absolutos, seria registrada uma produção de 230,1 milhões de toneladas. Nos meses janeiro/2019 e fevereiro/2019, as estimativas de produção eram, respectivamente, de 230,7 e 228,8 milhões de toneladas. Portanto, janeiro/2019 representou a maior estimativa no primeiro trimestre. No que se refere às culturas em particular: a soja, o arroz e o milho representaram 93,1% da produção esperada, na qual, frente à safra de 2018, tais culturas apresentaram, respectivamente, variações de -4,5%, -10,6% e 11,9% na produção esperada. Quanto às regiões produtoras, são esperados crescimentos na produção, também em março/2019, para as regiões: Centro-Oeste (+2,4%) e Sul (+3,3%). No entanto, na região Sudeste é prevista uma queda de 4,4% frente à safra do ano passado (LSPA-IBGE) (Gráficos 4 e 5).

Indústria:

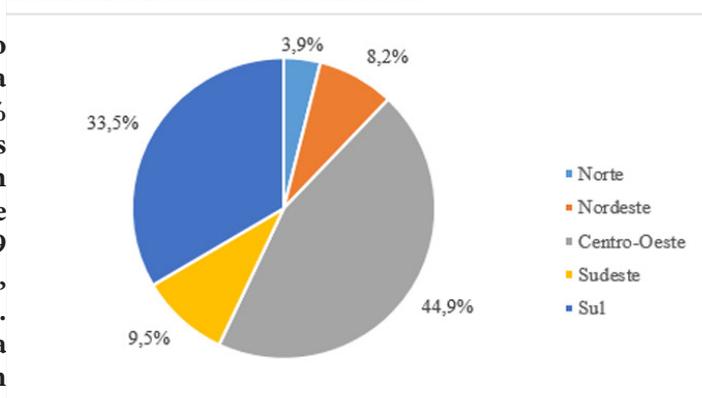
A fragilidade na economia brasileira refletiu na baixa produção industrial nos três primeiros meses deste ano. A produção industrial em março caiu 1,3% na comparação com fevereiro, segundo o IBGE. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, a queda foi de 6,1%, a maior desde a paralisação dos caminhoneiros. No trimestre, a indústria recuou 0,7% na comparação com 2018 e 2,2% em relação a março de 2018, sendo este a maior variação negativa desde o quarto trimestre de 2016. De acordo com o Indicador de Consumo Aparente de Bens Industriais, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o rendimento das indústrias nacionais entre janeiro e março teve retração de 2,3% em comparação com o mesmo período do ano passado. Como consequência, a demanda interna por bens industriais no período caiu 2,7% em relação ao primeiro trimestre de 2018.

Tabela 2 - Volume Mensal de Serviços (%)

Atividades	Mês/Mês anterior com ajuste sazonal			Acumulado	
	JAN	FEV	MAI	NO ANO	12 MESES
Brasil	-0,4	-0,6	-0,7	1,1	0,6
1 - Serviços prestados às famílias	1,0	-0,8	1,4	4,4	1,9
1.1 - Serviços de alojamento e alimentação	0,6	-0,5	1,7	5,2	2,6
1.2 - Outros serviços prestados às famílias	1,8	-1,1	0,7	0,1	-2,0
2 - Serviços de informação e comunicação	-0,2	0,4	-1,7	3,4	1,3
2.1 - Serviços TIC	0,0	0,5	-0,7	4,5	2,2
2.11 - Telecomunicações	2,0	-1,5	-1,4	0,3	-1,0
2.12 - Serviços de tecnologia da informação	-3,8	4,6	-2,0	14,1	9,2
2.2 - Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-3,4	0,4	-0,5	-4,3	-4,2
3 - Serviços profissionais, administrativos e complementares	1,7	0,0	-0,1	-0,7	-1,4
3.1 - Serviços técnico-profissionais	3,4	1,4	0,0	-0,3	-0,8
3.2 - Serviços administrativos e complementares	-1,0	-0,5	-1,4	-0,8	-1,6
4 - Transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio	-0,9	-2,5	0,5	-1,6	0,5
4.1 - Transporte terrestre	-1,1	-0,6	-1,9	-0,8	1,5
4.2 - Transporte aquaviário	2,4	-0,7	-2,0	2,5	-2,0
4.3 - Transporte aéreo	3,4	-15,8	12,2	1,9	7,7
4.4 - Armazenagem, serviços auxiliares dos transportes e correio	-0,3	-5,0	2,1	-4,7	-2,4
5 - Outros serviços	5,0	-3,8	-0,2	3,2	2,2
6 - Atividades turísticas	--	--	--	--	--

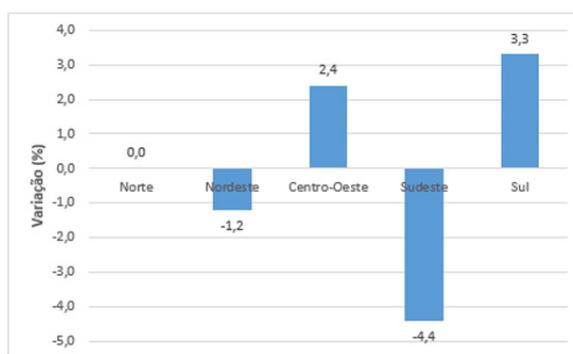
Fonte: Elaboração própria CMC - PMS (IBGE)

Participação na produção por região em outubro



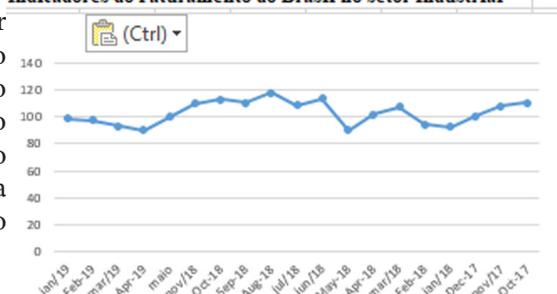
Fonte: Elaboração Própria CMC - LSPA (IBGE)

Variação por região na produção de grãos da atual safra em relação à safra anterior (%)



Fonte: Elaboração Própria CMC - LSPA (IBGE)

Indicadores de Faturamento do Brasil no setor Industrial



Ativar o Wir

Esta seção tem como objetivo avaliar o comportamento do saldo de movimentação de empregos (número de trabalhadores formais admitidos menos o número de trabalhadores formais desligados) no primeiro trimestre de 2019 em Minas Gerais. As cinco maiores economias do estado, de acordo com o PIB 2015, são avaliadas individualmente devido à sua importância econômica relativa, são elas: Belo Horizonte, Uberlândia, Contagem, Betim e Juiz de Fora. Vale destacar que, para um maior detalhamento, o saldo de movimentação se encontra desagregado de acordo com a Classificação Nacional de Atividade Econômica 2.0 – Seção (CNAE 2.0 – Seção). Os dados aqui apresentados são referentes ao Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho.

A Figura 1 apresenta a descrição das seções de atividade econômica segundo a CNAE 2.0. Na Tabela 1 é possível observar o saldo de movimentação de empregos de Minas Gerais detalhado por seção de atividade econômica para o período de outubro de 2018 a março de 2019. A economia mineira encerrou 2018 com saldo de movimentação de empregos negativo na maior parte de suas atividades. Por outro lado, em março deste ano a maior parte das atividades apresentou saldo positivo. Apenas Eletricidade e Gás (D), Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação (E), Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (G), Alojamento e Alimentação (I), Atividades Imobiliárias (L), Atividades Administrativas e Serviços Complementares (N), foram as que demonstraram saldo negativo, ou seja, terminaram o primeiro trimestre de 2019 demitindo mais que contratando.

O Gráfico 1 mostra o comportamento do saldo de movimentação de empregos em Belo Horizonte. É possível observar que houve uma inversão no saldo de empregos na cidade, passando de negativo no último trimestre do ano passado para positivo em fevereiro, mas em março houve uma nova retração, devido principalmente à atividade de Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas que teve um saldo -1.515.

No Gráfico 2, referente ao saldo de movimentação de empregos em Uberlândia, também é possível notar uma tendência de queda a partir do mês de março, o que resultou em um saldo negativo. Destaque para as atividades de Indústria de Transformação (C) e Construção (F) que contribuíram para a queda do saldo no mês.

O comportamento do saldo de movimentação de empregos em Contagem, representado no Gráfico 3, é marcado por um aumento do nível de emprego no último trimestre de 2018. No entanto, no final do primeiro trimestre deste ano é demonstrada uma queda, ou seja, o número de trabalhadores contratados diminuiu em relação ao período anterior (fevereiro de 2019).

Figura 1: Descrição das Seções de Atividade Econômica segundo CNAE 2.0

Seção	Descrição
A	AGRICULTURA, PECUÁRIA, PRODUÇÃO FLORESTAL, PESCARIA E AQUICULTURA
B	INDÚSTRIAS EXTRATIVAS
C	INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO
D	ELETRICIDADE E GÁS
E	ÁGUA, ESGOTO, ATIVIDADES DE GESTÃO DE RESÍDUOS E DESCONTAMINAÇÃO
F	CONSTRUÇÃO
G	COMÉRCIO, REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS
H	TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E CORREIO
I	ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO
J	INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
K	ATIVIDADES FINANCEIRAS, DE SEGUROS E SERVIÇOS RELACIONADOS
L	ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS
M	ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS
N	ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SERVIÇOS COMPLEMENTARES
O	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL
P	EDUCAÇÃO
Q	SÁUDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS
R	ARTES, CULTURA, ESPORTE E RECREAÇÃO
S	OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS
T	SERVIÇOS DOMÉSTICOS
U	ORGANISMOS INTERNACIONAIS E OUTRAS INSTITUIÇÕES EXTRATERRITORIAIS

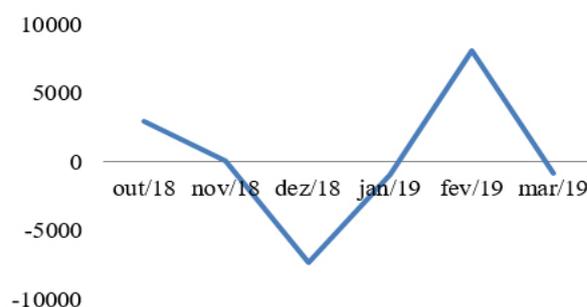
Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Tabela 1: Saldo de Movimentação de Empregos em Minas Gerais por seção de atividade econômica – outubro de 2018 a março de 2019

Seção	Saldo de Movimentação					
	out/18	nov/18	dez/18	jan/19	fev/19	mar/19
A	-7758	-3690	-5645	-313	50	4633
B	92	-31	-538	117	683	290
C	1445	-1435	-12259	2914	5676	1682
D	108	4	82	5	-27	-47
E	74	228	-497	75	637	-631
F	2362	-3852	-8598	3738	4736	446
G	4046	7586	3122	-6901	-46	-4927
H	-133	339	-2290	-449	2039	1096
I	435	66	-39	-341	436	-375
J	-2671	-379	34	595	354	608
K	198	219	-192	228	88	76
L	47	-134	-73	104	83	-38
M	983	646	-659	981	839	169
N	221	-432	-1081	-453	1332	-898
O	25	-269	-1187	-83	317	109
P	114	124	-7445	-111	6837	1735
Q	3267	894	-341	1657	784	894
R	-112	93	-273	266	257	7
S	118	369	-875	-526	928	320
T	-27	22	-11	-9	13	12
U	1	-1	-1	-2	0	2

Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 1: Saldo de Movimentação de Empregos em Belo Horizonte – outubro de 2018 a março de 2019



Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

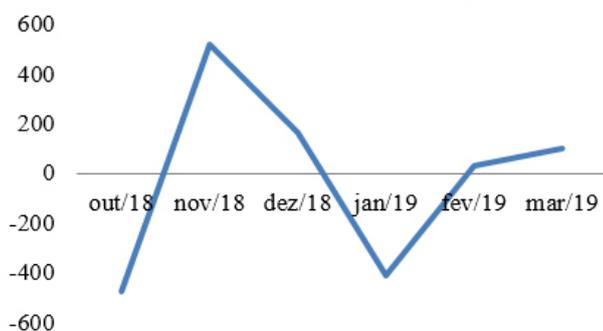
Apesar dessa grande queda no mês de março, o setor de Informação e Comunicação apresentou um saldo de 493 empregos gerados.

O Gráfico 4 apresenta a trajetória do saldo de movimentação de empregos em Betim. Após iniciar o quarto trimestre de 2018 com saldo negativo, os últimos dois meses do ano representaram uma melhora no mercado de trabalho formal da cidade, já que foram registrados saldos positivos, retornando a valores próximos ao do início do terceiro trimestre. Destaque para Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas (M) e Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (G) que contribuíram positivamente com o saldo final do quarto trimestre de 2018. Já no início do primeiro trimestre de 2019, a cidade apresentou uma grande queda no saldo de empregos, principalmente na atividade de Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (G),

O mercado de trabalho formal de Juiz de Fora terminou o quarto trimestre apresentando um saldo negativo. No entanto, ao longo dos dois primeiros meses de 2019 foi registrada uma alta no saldo de empregos, o que significa aumento de postos de trabalho. E assim como nas demais cidades, o mês de março apresentou um saldo negativo, principalmente pelas atividades administrativas e serviços complementares (N).

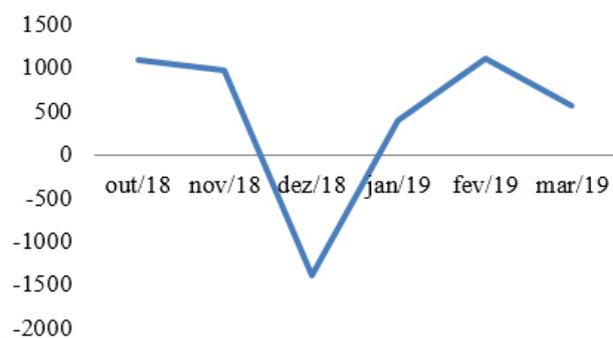
Vislumbrado o comportamento do mercado de trabalho formal de Minas Gerais como um todo e das suas cinco maiores economias, é possível observar que o ano de 2019 teve uma geração de postos de trabalho nos primeiros dois meses com a melhoria das expectativas quanto a produção do estado, mas no mês de março esse cenário reverteu para uma diminuição do saldo de emprego no estado.

Gráfico 4: Saldo de Movimentação de Empregos em Betim – outubro de 2018 a março de 2019



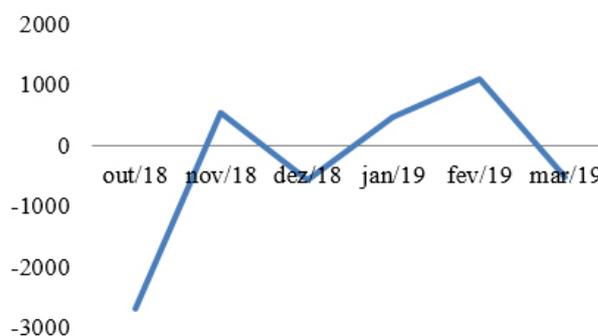
Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 2: Saldo de Movimentação de Empregos em Uberlândia – outubro de 2018 a março de 2019



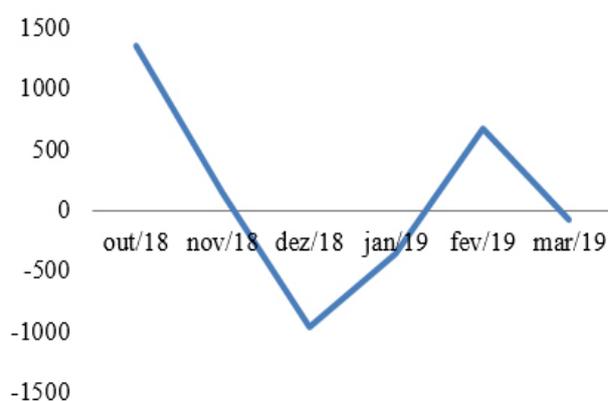
Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 3: Saldo de Movimentação de Empregos em Contagem – outubro de 2018 a março de 2019



Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

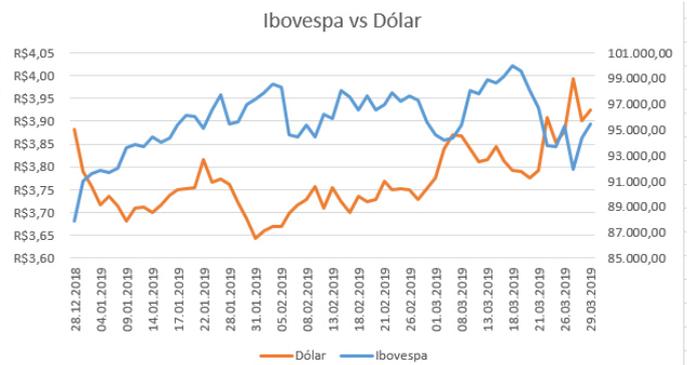
Gráfico 5: Saldo de Movimentação de Empregos em Juiz de Fora – outubro de 2018 a março de 2019



Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Ibovespa e dólar: gráfico 1

O 1T19 permaneceu com o otimismo dos investidores brasileiros, no período, o Ibovespa passou de 87.887,26 pontos para 95.414,55, representando uma alta de 8,56%. Frente a isso, o dólar apresentou uma pequena variação de 1,12%, terminando o ano a R\$ 3,92.



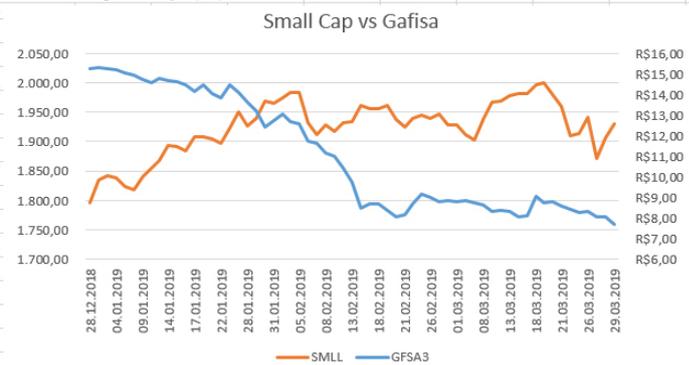
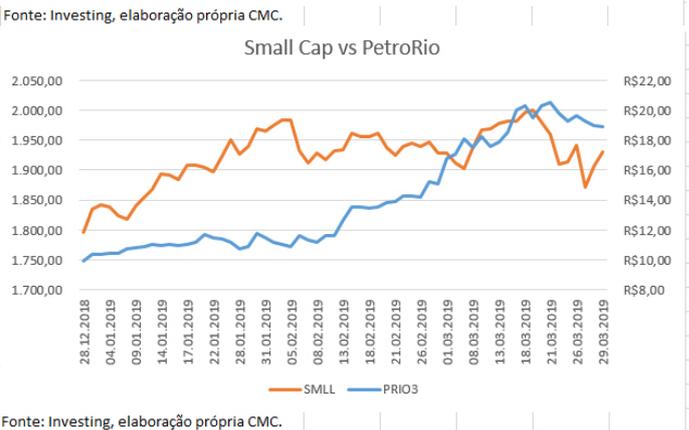
Small Caps: gráficos 4 e 5

Dentre as empresas que compõem o índice Small Caps, a PetroRio (PRIO3) teve o melhor desempenho no primeiro trimestre de 2019, atingindo uma valorização de 90,52%, fechando a R\$ 18,90.

Entre os principais fatores, está a aquisição de parte do campo de Frade, do qual a empresa possuía 18,26%, e passará a deter 70%, o que irá equivaler a uma produção de 15 mil barris de petróleo dia.

Já a empresa que apresentou o pior desempenho foi a Gafisa (GFSA3). A empresa obteve uma desvalorização de 49,48% no acumulado dos primeiros três meses de 2019, fechando a R\$ 7,70.

Nesse período, a gestora GWI entrou no controle da empresa, assim piorando os resultados da companhia. No 4T18, que foi divulgado durante os primeiros 3 meses de 2019, a receita líquida da empresa apresentou uma queda de 44% em relação ao mesmo período de 2017, e 24% de queda em relação ao trimestre anterior. No dia 18 de fevereiro, Mu Hak You deixou o comando da Gafisa.

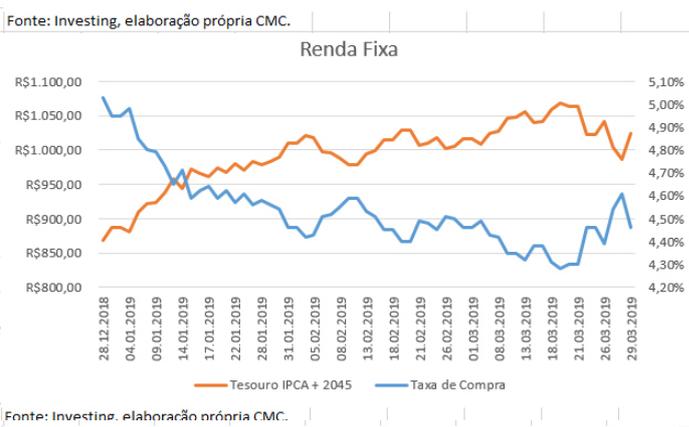


Renda Fixa: gráfico 3

Com a perspectiva para o PIB brasileiro diminuindo durante o período, abriu-se espaço para a manutenção da taxa básica de juros por mais tempo, assim pressionando as curvas de juros futuro para níveis mais baixos.

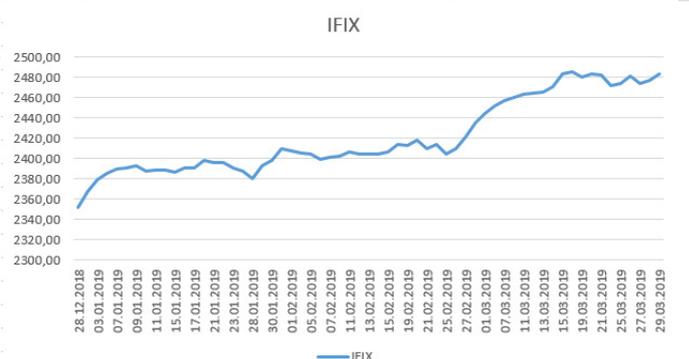
Com isso, o título de renda fixa do Governo Brasileiro com vencimento em 2045, e que remunera IPCA mais inflação, caiu de 5,03% ao ano, para 4,46%, fazendo com que esse título tenha apresentando uma alta de 17,96% no período.

Além disso, a taxa de juros básica da economia se manteve estável em 6,50%, com a sinalização do Banco Central de ainda não haver pressão sobre os preços.



Fundos de Investimento Imobiliário: gráfico 2

Com a diminuição dos prêmios dos títulos atrelados a inflação, os FIIs apresentaram uma grande alta no período, passando de 2351,59 pontos para 2482,92 pontos, representando uma alta de 5,58%.



Uma publicação



CMC

Conjuntura e Mercados
Consultoria